SUMMARIO.

—

CONHECIMENTOS-UTEIS: Methodo simples d'evitar a gaguez — Receitas: I De algumas aguas menos communs (Agua-de-Colonia — Agua-de-mil-flores — Agua-cephalica — Agua-celeste — Agua-de-Melissi — Agua-de-Luce — Agua-de-mel) — Manequins d'anatomia plastica — Cereaes: PARTE-LITTERARIA: Biographia: II, Nicolau Tolentino — A familia Tuggs em Ramsgate (Novella ingleza de costumes, *Conclusão*) — Bibliographia: Obras de J. J. R. de Bastos — Nova edição das Obras de Camões. VARIEDADES: — Theatro de San' Carlos: concerto do Sr. H. Spira; o instrumento, marimbas de pau — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

METHODO SIMPLES D'EVITAR A GAGUEZ.

1077 Um medico-pratico mui distincto, Mr. Serre, de Paris, apresentou á academia de medicina d'aquella cidade, uma dissertação muito interessante sôbre a gaguez. O proprio auctor da dissertação fôra algum tempo tartamudo, e luctou uma boa parte da sua vida contra ésta infermidade, que ensina agora aos outros a vencer. Foi elle mesmo que leu a sua dissertação, e ésta leitura pública provou a todo o auditorio, do modo mais eloquente, a efficacia do methodo de tractamento, tam simples como racional e philosophico, que elle propõe. Ninguem ao ouvil-o poderia acreditar, que o illustre leitor tivesse gaguejado por muito tempo e bem tristemente: a sua expressão era clara, firme, bem articulada.

Mr. Serre resumiu, em poucas palavras, concisamente e com toda a exactidão, todas as suas bellas investigações, em quatro artigos, que tenho o maior gôsto em apresentar aos leitores da REVISTA, na convicção de que poderão aproveitar a quem tiver necessidade de pôr em uso as suas indicações, uma vez que sigam á lettra os conselhos de M. Serre.

1.° A maior parte dos vicios da pronuncia, e particularmente a gaguez, não poderão evitar-se se as pessoas que os tiverem não sentirem um desejo ardente e proposito firme de se verem livres d'elles, afim de fazerem uso incessantemente, com tenacidade e por muitos annos, dos meios proprios para os corrigir.

2.° O equisyllabismo, ou a pronuncia em intervallos de tempo eguaes de cada uma das syllabas das palavras, é o primeiro meio que se deve empregar, e é necessario insistir e ater-se a elle de modo absoluto, porque é o que oppõe efficazmente a ordem á desordem das syllabas, principal character da gaguez.

3.° A acção não traduz so o nosso sentimento e as nossas ideas; mas constitue tambem, de per si so, uma linguagem de gesticulação complementar da palavra; e além d'isso, competelhe a funcção de regularizar e modular o som; e a este respeito, coisa que por muito tempo foi desconhecida, cumpre dividir os gestos em *reguladores* e *moduladores*. O tartamudo deve pois acompanhar a sua pronuncia, para bem a firmar, de uma acção conveniente e assaz limitada.

4.° O exercicio e o uso do equisyllabismo, secundado pelo gesto, repõe a falla, quasi infallivelmente, no seu estado normal; restabelece rapidamente a ordem e a clareza na emissão das syllabas; e sendo cada uma d'estas assim sustentada, o tom toma vigor e intensidade.

Éstas poucas palavras bastam para se saber em que consiste o remedio de um defeito tam terrivel, e como d'elle se deverá fazer uso.

A curiosa appreciação das causas mais geraes da gaguez, e a philosophia tam nova como verdadeira da natureza do gesto, são duas partes da dissertação de M. Serre, de todo o interesse. Em quanto a elle, a gaguez raras vezes é effeito de um vicio organico; quasi sempre provém de alguma causa moral: o medo ou o susto. O gesto é produzido por certo impeto interior, uma acção forte da vontade, que tem a consciencia do que vale, ou do que quer etc.

Oxalá que o exemplo de M. Serre, possa influir a alguem que se ache nas mesmas circumstancias, a approveitar-se dos meios tam simples que ficam aconselhados, para podêr, como elle, alcançar o mesmo glorioso resultado!

—

RECEITAS.

I.

DE ALGUMAS AGUAS MENOS COMMUNS.

1078 O uso tem feito com que se dê o nome de *aguas* a certas preparações, cuja base é o alcool combinado com extractos de plantas, ou mineraes etc. A mais nomeada d'estas aguas é a:

Agua-de-Colonia.

Antigamente tida em alguma conta medicinal; mas reduzida hoje aos usos do toucador. Quasi toda a gente sabe, ou julga saber, como ésta agua se faz, e a sua preparação é tam commum que eu a não teria comprehendido n'este artigo, se não acreditasse que as duas receitas que vou apresentar terão alguma coisa de novo para quasi todos, e que são excellentes segundo as fontes d'onde as extrahi.

Espirito-de-vinho de trinta e dois graus	dôze libras.
Essencias: de bergamota	duas onças.
« de limão	«
« de lima	«
« de laranja	«
« de roman	«
« de cidra	uma onça.
« d'alecrim	«
« d'alfazema	meia onça.
« de flor-de-laranja	«
á de canella	duas oitavas

Distilla-se tudo em banho-maria, até ficar secco, e ao liquido que se obtem, ajuncta-se:

Alcoolato d'Herva-cidreira composto	tres libras.
« de rosmaninho	oito onças.

Misture exactamente.

Esta agua-de-colonia ainda póde ser melhorada ajunctando-lhe uma libra d'agua de mil-flores.

Outra.

N'um litro de alcool de trinta e quatro graus, infunde-se por tempo de oito dias, uma oitava de sementes de cardamomo bem piladas; vasculeja-se o vaso duas ou tres vezes por dia; deixa-se assentar, e tira-se á parte coisa de uma quarta parte d'esta infusão. Nas outras tres restantes, ajuncta-se seis grãos de cadaum dos seguintes oleos essenciaes; de flor-de-laranja, cidra, lima, limão, bergamota e alecrim. Vasculeja-se muito e por muitas vezes, até que os oleos essenciaes sejam perfeitamente dissolvidos. Ajuncta-se-lhe então agua-distillada gota a gota, até se divisar uma ligeira nuvem no logar em que ésta agua cahir, o que é signal de que o alcool não está ja assaz concentrado para conservar os oleos essenciaes em dissolução. Deita-se depois a quarta-parte da infusão que se separou, o que augmenta a fôrça do alcool, e o que conserva a dissolução dos oleos essenciaes. Este liquido filtra-se, e hade ficar um pouco amarellado; mas se se quizer sem côr distille-se.

Agua-de-mil flores.

Alcoolato de mel cheiroso	duas onças.
« de cravo-da-India	uma onça.
« d'acoro-aromatico	quatro oitavas de cada um.
« d'alfazema	
« de junça	
Alcoolado sem-segundo	quatro onças.
« de jasmin	uma onça e uma oitava.
« d'Iris de Florença	uma onça.
« de flor-de-laranja	vinte gotas.

Ajuncta-se uma pequena porção d'ambar-gris, ou almiscar, para quem gosta.

Esta agua, não é so de um cheiro muito agradavel para os effeitos do toucador, diz-se que serve tambem para preparação de um excellente licor, ajunctando-se-lhe sufficiente quantidade de alcool adoçado com bastante assucar.

Agua, ou essencia-cephalica.

Noz muscada	uma onça.
Cravo da India	«
Cannella	«
Flor-de-romeira	uma onça e duas oitavas.
Alcool de vinte e dois graus	uma libra.

Faz-se macerar tudo muito bem por tempo de quinze dias, coa-se, deita-se no pe outra libra d'alcool, e depois d'outra maceração tam longa como a primeira, coa-se apertando muito; reunem-se ambos os liquidos, filtra-se, e guarda-se em frasco hermeticamente fechado.

Esta agua é excellente para as pancadas ou feridas na cabeça, e ainda para as dores de cabeça chronicas e sem symptomas d'inflammação. Usa-se d'ella deitando coisa de duas colheres na palma da mão e aspirando-a fortemente pelo nariz.

Agua-celeste.

Dissolva-se quatro grãos de sulfato de cobre em oito onças d'agua distillada, e ajuncte-se-lhe depois ammoniaco liquido quanto baste para precipitar o oxydo de cobre, e transformal-o em um lindo azul.

Ésta agua serve para tres usos. Na medicina é um adstringente e siccativo, applica-se nas ophtalmias chronicas, queimadelas etc. Em chimica, é um dos meios que servem para se reconhecer a presença do acido arsenico. Nas artes, misturada com bastante agua-pura, para lhe tirar a maior força do azulado, é muito util para incher os globos de vidro que se interpoem entre a luz e o trabalho que se faz de noite.

Agua de mellissa.

Herva cidreira em flor	libra e meia.
Casca de limão	quatro onças.
Canella fina	duas onças de cada coisa.
Cravo-da-India	
Nós muscada	
Coentro secco	duas onças de cada coisa.
Raiz d'angelica sêcca	

Faz-se digerir tudo isto por espaço de quatro dias em oito libras d'alcool de trinta e dois graus, distilla-se depois a banho-maria.

Esta agua tem um cheiro balsamico muito suave, e um sabor aromatico agradavel, é boa para as dores de cabeça, e para as feridas, é estomachal e tonica; applica-se ás contusões recentes. Como remedio interior so deve ser applicada por facultativo.

Agua de Luce.

Em quatro onças d'alcool de trinta e seis graus dissolva-se dez grão de sabão branco, e ajuncte-se-lhe duas oitavas de oleo de ambar-amarello rectificado. Quando a dissolução está perfeita, mistura-se quanto baste d'ammoniaco liquido de vinte e dois graus. Vasculeja-se muito bem, e guarda-se em frasco lacrado.

Esta agua é estimulante, e applica-se contra as syncopes, lethargias, e certas affecções nervosas, deitando algumas gotas n'um copo d'agua com assucar. Applica-se tambem como caustico nas picadas dos insectos, e mordidellas d'animaes venenosos. E' muito

boa para as dores de cabeça e inxaquecas, cheirando-a com cautella.

Agua de mel.

N'um pouco d'alcool de trinta e cinco graus distilla-se a banho-maria, um mistura de mel, coentro, casca de limão, cravo-da-India, noz muscada, beijoim, storax calamita, baunilha, agua-de-rosas, e agua-de-flor de laranja.

O cheiro d'esta agua é delicioso, e póde ainda fazer-se melhor, ajunctando-se-lhe uma leve tinctura alcoolica d'ambar-gris ou almiscar. Serve para o toucador, e tambem se faz licor d'ella ajunctando-se-lhe alcool e assucar.

MANEQUIM D'ANATOMIA PLASTICA.

1079 Todos os nossos males provém de nossos erros: todos os nossos erros nascem de nossos prejuisos: e nossos males, nossos erros, e nossos prejuisos, são consequencias da falta do conhecimento de nós mesmos.

A sabia antiguidade, sentindo profundamente tão desgraçada condição da humanidade, e sua origem, estatuiu como um *preceito divino* o estudo e conhecimento de nós mesmos, absolutamente indispensavel á felicidade do homem, individuo, e de toda a sua especie; mandando-o (os gregos) escrever em lettras de ouro no portico do templo de Apollo em Delphos, por ser seu oraculo consultado por inumeraveis povos da maior parte do mundo então conhecido. Era um *problema divino*, exposto em nome do deus das sciencias e das artes, á resolução do espirito humano, como o unico fundamento de sua felicidade, e remedio unico de suas miserias; sem o qual baldados seriam quaesquer outros esforços.

Nunca foi resolvido o problema, desde então até hoje, apesar dos maiores esforços de tantos sabios, e por tantos seculos! E não obstante, incommensuraveis tem sido os progressos do espirito humano até hoje, certamente em muitos outros ramos do saber humano: porém, oh admiravel acerto do profundo juizo dos antigos! o homem, e a sua especie ainda não acharam a felicidade; tem soffrido, e soffre ainda as consequencias de sua ignorancia, da verdadeira origem de seus males: *felix qui potuit rerum cognoscere causas!* Tem abraçado a nuvem por Juno! *Oh curas hominum!.. Vanitas vanitatum, et omnia vanitas!...*

É evidentissimo, que aquelle estudo de nós mesmos, deveria começar pelo objectivo concreto, pelo homem phisico, pela anatomia. Um respeito religioso, misturado com certa repugnancia e horror aos cadaveres humanos, embaraçou por muitos seculos o estudo do homem phisico, sôbre o mesmo homem morto: e a falta d'este meio directo e positivo, indusiu o espirito humano a systemas, seitas e desvarios incalculaveis; e são bem para lamentar tantos trabalhos perdidos por errados caminhos!

As necessidades da medicina venceram pelo tempo os embaraços; mas tem sido um privilegio para os facultativos; e o problema tem ficado sem resolução para todo o homem, e para o geral da especie humana.

Desenhos, modellos, e mesmo peças naturaes preparadas convenientemente, tem sido proveitosos recursos para o estudo da anatomia; mas assim mesmo para os privilegiados. E nem assim se poderiam achar á disposição de todos os facultativos, em todos os logares, e em todos os tempos; nem podiam suprir o estudo sôbre o cadaver; arriscado, e quasi impossivel nas regiões ardentes, e nas outras, nas estações muito quentes, e ainda assim praticavel somente nos hospitaes, e nem em todos; ficando assim mesmo a maior parte dos facultativos sem este recurso indispensavel para a pratica de uma arte tão difficil, e tão perigosa em desacertos.

Por todas estas rasões se convenciam todos os sabios, da absoluta necessidade da descuberta de um manequim, de um homem artificial, por meio do qual se podesse estudar a anatomia humana, com a mesma miudesa, exactidão, e perfeição, como sôbre o cadaver com o escalpello. Tentativas infructuosas tinham feito esmorecer, e desesperar, de se podêr conseguir jámais tão importante *desideratum*, não so para todo e qualquer homem, mas ainda mesmo para os que exerciam a arte de curar, ao menos.

N'este estado da questão, a França, na vanguarda da civilisação, tem a gloria de ver resolvido o problema pelo doutor Auzoux na sua descuberta de uma massa plastica (de sua propriedade) a qual, sendo branda ao entrar nos moldes, tomando d'elles os detalhes mais minuciosos e delicados, fica ao depois tão dura como madeira. Pelos progressos de melhoramentos que o auctor tem feito n'esta sua industria, tem satisfeito a todas as exigencias, segundo o juizo dos mais peritos anatomicos; e por isso merecido os maieres elogios das diversas academias, sociedades sabias, e de todos os juizes competentes de todos os paizes; declarando que por tal manequim se pode estudar a anatomia tão cabalmente como pelo cadaver com o escalpello.

Em França se mandaram collocar d'estes manequins em todos os estabelecimentos de instrucção publica; nos museus; nas bibliothecas; nas escholas; nos hospitaes; nas municipalidades; nas capitaes dos departamentos; e em muitas cidades.

Estes manequins foram reclamados para muitas nações. Em Inglaterra fizeram revogar a lei que prohibia a venda dos cadaveres *(Anatomy Bill.)* Foram para as duas Indias: para o Mexico, e S. Domingos: para a Russia, para a Syria, para a Persia, para a Turquia; vieram para a Hespanha. Faltava Portugal!

Tomei a resolução de o mandar vir, o modello grande de homem, de cinco pés e seis pollegadas d'altura; que se decompõe em poucos minutos sobre uma meza em cento e trinta peças differentes; pelas quaes se mostram perto de dois mil objectos diversos. Veiu em dezembro de 1845, ha perto de dois annos! Ainda não está pago ao negociante, que o mandou buscar!!

Uma subscripção geral será o meio de o termos; aliás sahirá *barra fóra* para vergonha nossa, para vender-se n'outra terra!

N. B. Era destinado para cursos publicos como os tem dado seu auctor em Paris; para todas as pessoas. Tenho-os ca impressos. *

Lisboa 8 de outubro de 1847.

J. L. A. Frazão

Bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra.

* Depois d'isto escripto communiquei este negocio ao Sr. Franzini, ministro d'Estado, que prometteu tudo como

CEREAES. *

1080 Eu já disse no projecto de Banco Provincial de Portugal, publicado em 1846, que a agricultura não sendo auxiliada e ficando entregue a si só, não passava nunca de ser muito pobre. A prova de que não aventurei uma asserção mui destituida, asserção ou antes raciocinio, que eu entretenho ha muitos annos, está n'estas tabellas. A realidade d'esta prova é ainda um outro lado, por onde se deve encarar a lei dos cereaes.

Eu tenho dito por vezes, que a terra a primeira vez que foi libertada em Portugal foi em 13 d'agosto de 1832, e depois com a abolição dos dizimos. Não haja duvida. Mas não disse, que a liberdade era tudo quanto bastava para a agricultura florecer. Eu me explico. A liberdade é certamente quanto basta, mas é preciso que ella seja em toda a sua extensão. Um homem para vigorar na sua constituição, não basta que lhe desprendam os pés se os tiver ligados, ou lhe soltem em parte as peias que o constragem até aos joelhos, é preciso que todo elle se possa mover sem nenhum impedimento.

Foram duas providencias indispensaveis, as d'aquellas duas leis, mas ellas não podem supprir a falta de capitaes, e sem elles, a agricultura nem industria alguma póde andar. D'onde vinham esses que possuiamos era do commercio, piaram este, não podémos desde então continuar senão a vegetar, e não póde o commercio dar mais nenhuma de suas sobras, nem para a agricultura, nem para a industria, porque as não teve.

Não nos fazendo agora cargo do mal que veiu ás fabricas da falta de commercio, e olhando so para a agricultura, temos logo na primeira pagina destas observações, a tabella que nos dá a diminuição de 1,061 moios na cultura do trigo, e o augmento de 4,303 moios na cultura do milho. E porque seria isto? A razão não é mais nem menos senão porque o trigo demanda grandes despezas de abogoaria, estrumes etc., e por isso vai sendo menos cultivado, em quanto que o milho pelo contrario, podendo-se cultivar de horta, não ha trabalhador nenhum, depois que a terra não paga quasi nenhum tributo, que o não cultive, para ajuda do seu jornal, e nos intervallos em que está desoccupado. Desta razão nasce a soffreguidão com que o jornaleiro proletario vai, sub-enfiteuticando ao enfiteuta principal tanta coirela, de uns quantos alqueires de fôro, e se vão nessas charnecas até agora ermas, criando mais algumas familias; os enfiteutas e sub-enfiteutas, comtudo, gemendo em bastante penuria, porque o commercie não existindo, nenhuns auxilios póde mais dalli vir a ninguem.

Em harmonia com as idéas que aqui expendo, o trigo deste 1839 a 1844, offerece um dificit na cultura de 1,061 moios, quando se elle tivesse sido cultivado na mesma razão do milho, ella deveria offerecer um accrescimo de 7,555 moios. Ajuntem-se estes aos 1.061 que produsio de menos, e temos um total de 8.617 moios para menos da quantidade delle, que deveria ter sido cultivada. O milho pelo inverso, devendo offerecer 604 moios de menos na mesma razão do deficit dos 1,061 moios de trigo aprezenta 4,303 de mais, d'onde 4,907 moios de mais do que devera ser. Agregando trigo e milho, temos—8,617 moios trigo + 4,907 moios de milho — 13,524 moios de cultura desencontrada em decadencia da agricultura. Este contraste é bem sufficiente para confirmação dos meus argumentos.

Como se não bastasse todavia a quasi demonstração que acabo de aprezentar da hypothese que sustento, um estudo que me acho fazendo para a classificação da decima, ainda vem acabar de fortificar todas as minhas supposições sôbre o caminho que vae levando a nossa agricultura. Os annos de 1840 — 1 a 1842 — 3, dão em todos os concelhos deste districto de Lisboa um augmento de contribuintes, de 2 ½ a 3 %, por anno. Estes contribuintes não são tambem, por certo, nas classes, das quotas maiores.

Póde-se fazer uma redarguição a tudo quanto eu tenho estado a dizer, redarguição que apezar da sua incompetencia eu vou acceitar, que é que não temos com que comprar os 50,000 moios posto, que ja tivessemos 22 annos a fio para mais do dobro dessa quantia, e em um dos annos, o de 1818, nada menos de 7.437:570$000 rs. para 175,596 moios. Se a impossibilidade por via da penuria, nos tiver redusido a não podermos comprar nem a terça parte desta quantidade, não a compraremos. Continuaremos a cultivar e a comer o peor feito e o mais caro e trigueiro pão da Europa.

Um amanuense morador em Belem, offerece-se-lhe escripta em que ganhe a sua vida em um escriptorio em Lisboa, era-lhe muito conveniente vir para cá de omnibus: mas o que cá lhe dão de salario não lhe chega para pagar o carrão, vem elle a pé, pela sua triste necessidade. O mesmo será com as nossas parcas circumstancias em materia de alimentação.

As insufficientes faculdades do escrevente não fazem comtudo, de maneira alguma, que se interrompa a carreira do omnibus.

Eu não tractei, nem tractarei dos cereaes que são necessarios para gados, nem da quantidade d'estes, quer para a nutrição humana, quer para os serviços sociaes de industria. Tambem não tratarei das sementeiras. Eram todos estes topicos mui importantes em que podia entrar, mas de que prescindirei n'esta occasião.

C. A. da Costa.

homem de sciencia e de poder; o primeiro que me comprehendeu, e quer devéras: honra imparcial ao sabio?

* Continuado de pag. 471.

PARTE LITTERARIA.

BIOGRAPHIAS.

II.

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA. *

1081 Iguaes bellezas encontraremos na satyra da guerra, posto que inferior a ésta. Veja se a quadra do taful, que tudo estraga, e que sem fortuna se vê redusido a sentar praça.

Deixem que roto taful,
A quem na patria foi mal,
Va cursar de Norte a Sul;
Cobrem-lhe o corpo venal
Trez palmos de panno azul.

* Continuado de pag. 475.

Deixem que em tarimba estreita
O desperte a aurora ingrata;
Que o duro cabo que o espreita
O faça ao som da xibata
Virar á esquerda e á direita.

Deixem-lhe em sangue involver
Duro pão, que lhe dá Marte;
E para poder viver,
Deixem-lhe aprender ésta arte,
De matar, e de morrer.

A seguinte reflexão é digna de Boileau, e no seu estilo.

Entre horrorosos tropheos
O general deshumano,
Manda falso incenso aos céos;
E de espalhar sangue humano
Vai dando louvor a Deos.

Ésta reflexão philosophica faz ainda mais honra ao espirito de Tolentino, porque não póde tiral-a das *Ruinas* de Volney, obra que foi escripta muitos annos depois.

A satyra intitulada os *Amantes*, abunda de pinturas mui vivas, em que o auctor desprega a natural tendencia para a maledicencia e os bons dictos.

Principia o poeta fallando com o Amor, e lhe diz que enfadado do mau pago de seus serviços não quer ouvir as suas promessas, e que se dirija a outros.

Busca algum fofo morgado,
Que solto ja dos tutores,
Ao domingo penteado,
Vai dizendo á toa amores
Pelas pias encostado.

Que em sizuda casa honrada
De papeis nunca avarento;
Dá com mão refalseada
Escriptos de casamento
Ora á filha, ora á creada.

Genealogico comprado
Lhe concede a peso de ouro
Em castello imaginado,
Cabeça de fusco mouro
Sôbre escudo golpeado.

Este estilo é a verdadeira linguagem da satyra; assim como o das seguintes quintilhas da mesma.

Busca algum novel basbaque,
Que por pobre não sahia,
Mas ja mette o bairro a saque,
Depois que engenhosa tia
Lhe armou de uma saia um fraque.

Que gravesinho namora,
Com brando e risonho aspeito;
Ponta do lenço de fóra,
Molho de flores no peito,
Prenda de certa senhora.

Que um trapo a seu geito ordena,
Temendo o pó das calçadas,
E antes de entrar na novena,
Com cuspo pelas estradas
Vai dando nos sapatos crena.

. . . . . .

Não tem velhas presumidas,
Que em fim de mez fingem dores
So ás moças concedidas,
E tem de compradas côres
As roxas faces tingidas?

. . . . . .

Que ha sessenta annos donzellas
(Caso raras vezes visto)
Tem titulos de capellas,
Com um habito de Christo
Para quem casar com ellas?

Busca alguma de bom caco,
Que pela fenda da saia,
Marinhando o braço fraco,
Fisga lenço de cambraia,
Affastando o de tabaco.

Não era de esperar que o poeta se esquecesse dos freiraticos, gente que então abundava muito, e que hoje custa muito a encontrar, e eis aqui o como elle os cumprimenta.

Gentes de mais alta esteira,
Ternos, finos corações,
Que em fecunda papeleira,
Vão guardando em batalhões
As cartas da sua freira.

. . . . . .

Posta na insipida grade,
Em almiscar perfumado,
Todo amor, todo saudade,
Comendo em doce babado
Os sobejos de algum frade.

Ao sublime estilo guinda
Sua descrição notoria,
A que logo a freira linda,
Revolvendo na memoria
Os dois livros de Florinda,

Responda «Os conceitos sigam
« Os holocaustos do altar;
« Pois são, as chamas o digam,
« Pedir quem póde mandar,
« Preceitos que mais obrigam.

Ésta linguagem affectada, e ridiculamente conceituosa, então muito em voga, não é a mesma que Francisco Manoel, chama com a sua costumada graça

Ouco-rimbomba, ou freira?

Não era o poeta homem, que uma vez mettido neste assumpto levantasse mão delle sem talhar uma carapuça para os ecclesiasticos namoradores de freiras.

Entretanto um chantre velho,
A quem a rodeira ingoda,
E que em fechando o Evangelho,
Vai metter dentro da roda
O seu cachaço vermelho.

Freiratico por fadario,
Tão goloso como amante,
Condecinhas pelo armario;
E sôbre a deserta estante
Manjar branco, e Breviario.

Que em podre philosophia,
Sectario da antiga lei,
Os *Universaes* sabia,
E armado do *A parte rei*,
Tudo a eito distinguia.

Arranca oleoso escarro,
Diz á rodeira um conceito
Daquelles, que ja tem sarro;
Mette os oculos no peito,
Throno de amor, e catarro!

Ésta pincelada é excellente! porém ésta pintura tem, como ja advertimos a cima, perdido grande parte do seu interesse, porque ja não existem os originaes, a que ellas se referem. O mesmo póde dizer-se das muitas igualmente chistosas, que se encontram na satyra que elle dirigiu a D. Martinho de Almeida no anno de 1779. Tal é o quadro dos velhos, que se juntavam para discutir novidades no Monte de Santa Catharina. Era então aquelle monte o passeio mais frequentado da gente do Bairro-Alto; alli passeavam em ranchos, alli conversavam sentados no adro, alli cantavam, e dançavam; em quanto os mais velhos tomavam pouso na base da Cruz, e altercavam á sua vontade. Hoje que não existe igreja, nem adro, nem cruz, que ninguem alli passeia, é aquelle sitio um dos mais tristes e solitarios de Lisboa, e sómente a tradição dá certo ar de verdade ao que o poeta pinta.

Iremos ouvir mil petas
Quando mais o sol se impina,
Vendo accerrimos jarretas,
Junto a Santa Catharina
Argumentando em gazettas.

Um quer a cabeça dar
Se o conde de Estains não fez
Trinta naus desarmar;
Outro levanta em um mez
O cerco de Gibraltar.

Um, riscando a terra, ensina
Co'a bengala a geographia,
E nos diz com quem confina
Ao Poente, e ao Meiodia
A Georgia, e a Carolina.

Outro aos inglezes deseja
Na armada o fogo ateado,
E pinta em crua peleja
Dez lords fugindo a nado
Sôbre barris de cerveja.

Outro conta o grave damno,
Que ésta gazeta declara,
Tiveram os castelhanos.
E o triumpho inglez compara
Co'os triumphos dos romanos.

Ao seu partido se afferra,
Diz que inda c'os mastros rotos
Ao mundo farão a guerra.
Mas fica vencido em votos,
E leva a breca a Inglaterra.

Dão ao leão furibundo
Gibraltar em justa guerra;
E este concilio profundo,
Sem ter um palmo de terra
Está repartindo o mundo.

Dado em fim o inglez á sola
Qualquer dos dictos confrades
Na cuja capa se enrolla,
E tendo dado cidades
Nos vem pedir uma esmolla.

Continuando Tolentino a apontar diversas outras ridicularias, conduz o amigo com quem falla nesta satyra, a uma assembléa, verdadeiro typo de muitas do seu tempo, e diz:

Feita a geral cortezia,
Pé atraz segundo a moda,
Daremos á mãi, e á tia,
E depois a toda a roda,
Alto, e malo, senhoria.

A mãi, ja dragão formal,
Espelho de desenganos,
E que por seu grande mal,
Ha ja mais de vinte annos,
Que guarda a fé conjugal.

Posta da roda no centro,
Cruza a perna, mestra abelha;
E de longe a vêr-lhe eu entro
Çapatos de seda velha,
Bicos de pés para dentro.

A tia, séria mulher,
Que os longos vestidos seus
Ao Carmo manda fazer,
É destas que dão a Deus,
O que o démo ja não quer.

Sente desgosto infinito
Que o mundo a deixe tão cedo:
Affecta mystico espirito;
Porém suspira em segredo
Pelas cebolas de Egypto.

. . . . . .

Pouco das filhas fallarei,
São feias, e mal criadas,
Mas sempre conseguirei,
Que cantem desafinadas.
De saudades morrerei.

. . . . . .

Na farpada mesa logo
Bandeja, e bule apparece:
Que mordaes os beiços rogo,
Que são trastes que parece
Que escaparam d'algum fogo.

Em bule chamado inglez,
Que ja para pouco serve,
Duas folhas lança, ou trez,
De cansado chá, que ferve,
Com ésta a septima vez.

De fatias nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo tendeiro
Cansado de gastar giz
Ja não dá pão sem dinheiro.

As satyras de Nicolau Tolentino são na verdade as mais perfeitas das suas composições; mas um censor severo desejaria encontrar nellas os anexins, proverbios, e rifões da lingua; quereria que usasse mais do dialogo, que as episodiasse com anecdotas, e historietas, como praticaram os poetas latinos que cultivaram este genero de poesia, e os modernos de mais reputação: porém Tolentino procede de outro modo, e se reduz a enlaçar descripções em descripções, e invectivas em invectivas. É como o boi que principia um sulco no extremo do terreno, e o leva até ao fim delle sem torcer, nem parar. So na satyra intitulada a *Funcção*, se desvia deste methodo, introduzindo em scena a Musa, que o convida a satyrisar os ridiculos do seu tempo, e elle defendendo-se dessa tarefa, toma ironicamente o partido dos satyrisados, e os defende e desculpa por um modo que melhor os azorraga.

Dizes que pobres donzellas
Vão os olhos enganando,
Com posticas tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das adellas.

E que em quanto em taes desmanchos
A irmã com titulos falços,
Faz a gloria destes ranchos,
Corre o irmão co's pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos.

Dizes que um *o qual eu callo*,
Assentando que as senhoras
Querem todos namoral-o,
Cravando a furto as esporas,
Mettia em obra o cavallo.

Que outro, falto de expressão,
Traficar de longe quer,
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração.

Mas quanto até aqui exprimes,
Por mais que as cores lhe mudes,
Por mais que a teu geito o rimes,
Creio que não são virtudes,
Porém tambem não são crimes.

Porém tambem, não são, offendem o ouvido, e formam um verso detestavel, que parece um sino que dobra. Um que deseje escrever bem, deve pôr todo o cuidado em evitar éstas unissonancias tediosas. Ésta observação é em proveito dos principiantes.

Prosegue o poeta no mesmo tom ironico, defendendo os seus clientes para os encravar mais, e com uma pilheria digna de Boileau,

Co' a pintada sobrancelha
Vai sosinho passeiando
Boa mãi, sincera velha,
Dos esgalhos resguardando
Ora a peliça, ora a telha.

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que nesta rua,
Está São Sebastião,
De Venus á estatna nua
Faz mesura, e oração.

Ésta idéa me parece tão original como engraçada, e propria do genero.

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos promptos,
Loiro peralta adamado
Foi depois tocar por pontos
O doce landum chorado.

Se Marcia se bamboleia
Neste innocente exercicio,
Se os quadriz saracoteia,
Quem sabe se traz cilicio,
E por virtude os meneia?

Não sentenceis de estalo,
Tem as danças fim decente:
Ama o pai, mas por deixal-o
Dança a donzella innocente
Diante de S. Gonçalo.

Cobrando o pardo dinheiro,
De que o povo é tributario,
Velho preto prasenteiro,
Para gloria do Rosario
Remeche o corpo, e o pandeiro.

Em solemne procissão,
Une a frioleira casta
O fandango, e a devoção:
Mas emfim de exemplos basta,
E tornemos á questão.

Se nos remontarmos ao tempo em que esta satyra foi escripta, se nos lembrarmos de quanto a inquisição, e os frades se desvelavam por manter as mais ridiculas e profanas superstições, porque d'ahi lhes vinha proveito; se recordarmos a historia de Francisco Manoel, de José Anastacio da Cunha, e os incommodos que accarretaram ao padre Antonio Pereira de Figueiredo a sua *Tentativa Theologica*, e a sua traducção, e exposição da Biblia, confessaremos que era necessario ao poeta algum denodo para escrever estas quintilhas.

Citaremos mais as seguintes, que dão uma idéa daquella épocha tam differente da nossa, posto que parece que a este respeito os netos pouco tem que censurar os avós.

E que mal te fez na porta
Pai, que ronda de quadrilha,
Cabelleira loura e torta,
Dizer que peçam á filha
Um bocado de *comporta*.

Porta está no primeiro verso como Pilatos no *credo*, sómente para rimar com *comporta*, e não faltará quem julgue que *cabelleira torta* está no mesmo caso.

Fuerzo del consonante a quante obligas
Hazes que seam blanca las hormigas!
Quebedo.

Mas o que se segue compensa bem estas manchas.

Com que graça vem trazidas
Fingindo-se envergonhadas,
Tenras faces incendidas,
Por destros galgos achadas
No jogo das escoudidas.

Musa, abre os olhos *escasses*
Não te enganes c'o a apparencia:
Se não torcesses os passos,
Acharias a innocencia
The no jogo dos abraços.

Marilia as linhas espalha,
E a candida mão sem luva,
Tam destramente as baralha,
Que sempre sahiu viuva
Sancta velha que não ralha.

Tira a este brinco o veo,
Util fim verás mil vezes,
D'alli sahe o chichisbeo,
D'alli se levam as rezes
Aos altares do hymineo.

Uma coisa que falta nas satyras de Tolentino é aquella alternativa de censura e de louvor, que tanto nos contenta nas satyras do Venosino. Pelo contrario o nosso poeta uma vez subido ao pulpito, não interrompe as suas invectivas. É Timon o misantropo, que não poupa ninguem, parece que ninguem amou; e mais me confirmo n'esta opinião, porque convivendo elle com todos os grandes poetas do seu tempo, que não eram poucos, a nenhum menciona em seus versos, á excepção de Domingos Pires Monteiro Bandeira, e isto em uma carta, em que se convida para jantar com elle. Se louva alguns fidalgos e personagens, os seus louvores são sempre acompanhados de peditorios, d'onde collijo eu que esses encomios não nasceram do coração.

(Conclue) C...

A FAMILIA TUGGS EM RAMSGATE.

(NOVELLA INGLEZA DE COSTUMES.) *

1082 Os Tuggs reunidos aos Waters tinham mandado pôr o almoço no jardim. Trouxeram-lhe camarões de um tammanho enorme, manteiga artisticamente arranjada, pãesinhos abiscoitados, e garrafas de cerveja. A vista espraiava-se agradavelmente pelas banquetas de flores e arbustos. O ceu estava brilhante; ao pé da collina rolavam magestosamente as ondas, roncando e dilatando-se pelo horisonte longiquo; ao longe viam-se os navios cujas vellas n'aquella distancia pareciam tam brancas e pequeninas como um lenço de cambraieta de mulher elegante.

Acharam-se deliciosos os camarões, a cerveja ainda melhor, e o capitão mostrou-se com um genio mais amavel do que nunca. Belinda ficou com uma alegria de doida, depois do almoço; por aquelles tapetes verdes e por meio dos vasos de flores de que tudo estava esmaltado, desafiava ella a ver quem corria mais, ora ao capitão Waters, ora a master Cymon Tuggs e até a miss Carlota, que ria ás bandeiras despregadas. O que não tinha duvida, como dizia a capitan, porque alli ninguem as conhecia, e pouco lhe importava a ella passar por gente de pouco mais ou menos aos olhos do dono da casa. Ao que sir José Tuggs respondeu: —'Tem razão.'

Desceram depois por uma escada de páo que estava mais longe e que ia dar ao sub-pé da collina onde se divertiram a ver os caranguejos e as inguias, de que alli havia grande quantidade.

Quando chegou a hora de voltar para Ramsgate, master Cymon Tuggs foi o ultimo a subir a escada; madama a capitan Waters ia adiante d'elle, e o maganão teve leo de perceber, que o pé e a canella da incantadora Belinda, era coisa muito mais fina ainda do que ao principio lhe tinha parecido.

Reconduzir um burro á sua estrebaria é empresa muito mais facil do que arredal-o d'ella. No primeiro d'estes casos são necessarias, uma attenção imperturbavel e uma coragem constante, para prevenir todos os caprichos e desvios da imaginação vagabunda do animal; no segundo caso, basta suster-lhe a redea e depositar uma confiança cega no quadrupede. Master Cymon Tuggs adoptou este ultimo plano na sua volta, e fez bem; porque a jornada fez-lhe tam pouca impressão nos seus nervos, que á noite pôde fazer companhia a toda a sociedade, no gabinete-de-leitura e philharmonica da terra.

Ésta reunião era tam numerosa como animada. Todos os cavalheiros e damas, que tinham estado pela manhan nas praias, la se tinham ajunctado. Havia alli tambem um certo numero de raparigas uniformemente vestidas de cor-de-castanha com braceletes de veludo preto, que vendiam no bazar galanterias, e que presidiam á noite aos jogos de azar da philharmonica. Meninas pertendentes ao casorio, e mamans casamenteiras, tambem la não faltavam; as meninas brincavam, e passeiavam á roda do piano, representando de *coquettes*. Havia tambem *dandys*, que affectavam sentimentos ternos a podêr de suspiros; e outros, que ajudados por seus grandes bigodes figuravam certo ar de valentões. Madama Tuggs tinha ido com um vestido cor-de-canna, acompanhada de sua filha, que le-

* Concluido de pag. 478.

vava um azul-claro; o de madama a capitan Waters era cor-de-rosa. M. Cymon Tuggs estava de *boots*, e tinha um colete bordado de oiro. Sir José Tuggs, emfim, estava de casaca-azul com botões amarellos.

— 'Os n.os 3, 8 e 11' gritou uma das raparigas de vestido cor-de-castanha.

— 'Os n.os 3, 8 e 11,' repetiu uma das suas companheiras.

— 'O n.º 3 ja foi,' disse a primeira. 'Os n.os 8 e 11!'

— 'Os n.os 8 e 11,' repetiu a segunda.

— 'O n.º 8 ja foi tambem, Maria-Anna,' disse outra vez a primeira.

— 'O n.º 11!' gritou a segunda.

Todos os números foram afinal tomados.

— 'Minhas senhoras, então, se querem...'

Todas as pessoas que tinham numeros sentaram-se á roda da mesa.

— 'Quer deitar os dados?' disse a presidente apresentando o copo a uma menina, filha mais velha de uma senhora grave muito gorda, que acompanhava as suas quatro filhas.

Todos os espectadores guardaram silencio.

— 'Deita Joanna.' Disse a senhora grave.

Mas a Joanna era de uma modestia interessante: fez-se coradinha, tapou a cara com o seu lenço de cambraieta, e fallou devagarinho com sua irman mais nova.

— 'Amelia,' disse a senhora gorda, 'deita os dados por tua mana.' E voltou-se para um cavalheiro, que estava aope d'ella, e que parecia um annuncio ambulante do oleo de Macassar de Gowland, dizendo-lhe: 'Joanna é tam vergonhosa e tam acanhada! Mas não lhe posso querer mal por isso; uma donzella assim simples e sem *coquetterie*, é tam naturalmente amavel, que muito desejo eu que Amelia se pareça com sua irman.'

O cavalheiro de bigode grande admirou em voz baixa este modo de pensar, e a tal menina simples e sem *coquetterie*, deitou os olhos de revez para observar o effeito que produzira o seu acanhamento.

Miss Amelia deitou o ponto de 8 por sua irman, e 10 por si.

— 'Que bom número que tem Amelia,' disse a mesma senhora grave e gorda, devagarinho a um mancebo magro e esguiu que estava aope d'ella.

— 'Magnífico!'

— 'Quem é isto?' perguntou M. Cymon Tuggs á capitan Waters, ao ver uma senhora muito baixa, com a cabeça intaipada n'um toucado de veludo cor-de-cereja ornado de plumas pretas, e que era conduzida para ope da orchestra por um subjeito gordo de casaca preta e çapatos de polimento.

— 'É mistress Toppin, dos theatros de Londres,' respondeu Belinda, depois de ter visto no programma do concerto.

A habil Toppin, foi graciosamente acolhida com um trovão de applausos e muitos bravos, e começou a cantar uma cavatina que mister Toppin lhe acompanhou ao piano; e depois mister Toppin cantou uma aria buffa. Os applausos que éstas duas peças mereceram, parecia que não acabavam nunca, e so foram excedidos por os que se deram a miss Toppin por umas variações que tocou na guitarra.

Assim se passou a noite, e como ésta e o dia, se passaram quasi todas por tempo de seis semanas: as praias pela manhan, ao jantar burrinhos, de tarde o caes, á noite a philharmonica; por toda a parte e sempre os Tuggs junctos com os Waters.

Seis semanas exactamente depois d'esta primeira noite de concerto, á hora prefixa em que á lua alumiava com o seu clarão o mar tranquillo, quando as vagas vinham lamber o pe do rochedo com leve murmurio, bastante para adormecer os peixes velhos sem acordar os moços, divisavam-se (ou podiam-se divisar se as quizessem divisar) duas sombras sentadas em cima de um dos bancos de pau, que estão no topo do lado occidental. Ja a lua tinha caminhado pelos ceus duas horas inteiras, e as duas sombras ainda não tinham mechido comsigo. Os passeiantes tinham-se insensivelmente dispersado, a bulha dos musicos ambulantes havia cessado, luzes sôbre luzes tinham apparecido ao longe pelas janellas das differentes casas; e as duas sombras sempre no mesmo logar. Ellas estavam em parte n'uma penumbra completa, mas de tempos a tempos os vacillantes raios da lua, deixavam aperceber uma botinha cor-de-pulga, e uns colleirinhos brancos. Era M. Cymon Tuggs, e madama a capitan Belinda Waters, que estavam alli sentados: não conversavam, e espraiavam silenciosamente pelo mar as suas vistas melancolicas.

— 'Waters volta ámanhan,' disse em fim Belinda rompendo tristemente o silencio.

Cymon Tuggs suspirou com um som, como o da bafagem do vento n'um canaveal.

— 'Ah! sim, elle volta ámanhan!'

— 'Oh! Cymon, estes prazeres tam puros, ésta felicidade tam quieta, este amor tam platonico, de que toda ésta semana havemos suavemente gozado, oh! tudo isto vai acabar para mim!'

Cymon ia a responder, que tudo aquillo era demasiado para elle, mas suspendeu-se e balbuciou apenas algumas palavras inintelligiveis.

— 'E pensar eu que éstas delicias tam innocentes me vão ser roubadas para sempre!..' exclamou ainda outra vez Belinda.

— 'Oh! não digaes para sempre, Belinda!' disse contristado o sensivel Cymon; e ao mesmo tempo duas lagrymas como punhos corriam-lhe uma atraz da outra pela cara abaixo; que estava então tam comprida que dava bem logar á tal carreira até de aposta das duas lagrymas.

— 'Não ha remedio, meu Cymon!'

— 'E porquê?! Oh! sim! porquê?! Uma amizade tam platonica como a nossa, e tam innocente que nem o vosso proprio marido poderia achar n'isto nada de reprehensivel....'

— 'Meu marido!... Conheceis-lo muito pouco meu Cymon. É cioso e vingativo, feroz na vingança, maniaco no ciume! E quererieis vós ser assassinado mesmo na minha presença?'

Cymon Tuggs, com voz tremula pela commoção, expressou o melhor que lhe foi possivel, que não tinha o menor desejo de ser assassinado na presença fosse de quem fosse.

— 'Pois então separemo'nos... Abandonai-me para sempre... É ja tarde vamos para casa.'

Cymon Tuggs offereceu o braço, cheio de tristeza, a madama a capitan Waters, acompanhou-a até á sua porta; parou alli um instantinho, sentiu um aper-

to de mão platonico, deu as 'boas-noites' duvidoso.

—'Boas-noites,' disse Belinda choramigando. Cymon Tuggs fez outra paradinha.

—'Não quereis entrar meu Sr.?' perguntou a criada.

Cymon Tuggs hesitou. Oh! hesitação fatal! Resolveu-se a entrar.

—'Muito boas noites,' disse elle outra vez entrando na sala.

—'Boas noites,' respondeu Belinda. 'Se eu alguma vez na minha vida... Escutai!!!'

A capitan parou e poz os olhos atterrada em Cymon Tuggs, que tambem não ficou senhor de si. Duas argoladas rijas se ouviam na porta da rua.

—'É meu marido,' disse Belinda.

A voz do capitão ja se ouvia na escada.

—'E vem com a minha familia,' exclamou Cymon Tuggs, que com o ouvido á escuta conheceu a voz de seus paes.

—'Atraz da cortina! atraz da cortina!' disse madama a capitan Waters apontando para a janella, que as pinturas d'uma persiana cahida tinham hermeticamente fechado.

—'Mas, eu não fiz mal nenhum,' disse Cymon todo tremulo.

—'Atraz da cortina,' repetiu Belinda com frenesi, 'senão sereis irremessivelmente assassinado.' Este último recurso ao sentimento da sua conservação foi irresistivel em Cymon: todo atabalhoado escondeu-se logo atraz da cortina, com presteza pantomimica.

O capitão entrou quasi ao mesmo tempo com José Tuggs, sua mulher e sua filha.

—'Minha querida,' disse o capitão, 'aqui te apresento o tenente Stanghter.'

Cymon ouviu retinir pelo sobrado duas grandes botas com ferraduras nos tacões, e uma voz grossa cumprimentando a dona da casa. O espadão do tenente fez grande bulha quando este se sentou. O medo de Cymon Tuggs estava no seu auge.

—'Venha agua-ardente, minha querida,' disse o capitão.

E esta! Não iam elles passar alli a noite, e o pobre Cymon Tuggs incafuado n'um buraco sem podêr siquer tomar a respiração á sua vontade.

—'Walter!' 'disse Stanghter' 'venham charutos.'

Ora, master Cymon Tuggs não podia nunca fumar sem soffrer umas certas dôres agudas, que o obrigavam a fugir d'onde estava gente, nem sentir fumo sem que tivesse immediatamente um accesso de tosse. Trouxeram charutos. O tenente Stanghter era um fumista consummado, e o capitão Walter não lhe ficava atraz. O quarto era pequeno, a porta estava fechada, e o fumo enchia a casa toda; até que não tardou a penetrar por detraz das cortinuas, no esconderijo de Cymon Tuggs. Este triste rapaz apertou primeiro o nariz com os dedos, fechou depois a bocca, reteve a respiração... mas por fim tossiu.

—'Ah! meu Deus! Peço-vos perdão miss Carlota; não gostais do cheiro do charuto!'

—'Pelo contrario, gósto muito.'

—'Mas como vos faz tossir...

—'Nada, eu não tossi.'

—'Tossistes agora mesmo.'

—'Eu, capitão? Ora essa! como podeis dizer tal?

—'Mas eu ouvi tossir; foi alguem decerto.'

—'Tambem me pareceu que tinha ouvido,' disse o tenente Stanghter; 'mas ja vejo que foi ingano por que todos o negam.'

Repetiram-se os charutos: tornou a haver fummo; nova tosse suffocada, mas violenta, se fez ouvir outra vez.

—'Que é isto' disse o capitão Waters deitando os olhos em roda de si.

—'É exquisito!' disse José Tuggs.

—'O tenente Stanghter depois de haver olhado mysteriosamente para todos, um por cada vez, largou o charuto e avançou para a janella nos bicos dos pés, levantando o indice da mão direita acima do hombro, direito á cortina.

—'Sanghter!' disse o capitão levantando-se, 'que quer dizer isso?'

O tenente não deu resposta, correu a cortina e descubriu Cymon Tuggs todo incolhido, palido de medo, e azul pela vontade de tossir.

—'Que estou eu vendo?!' gritou furioso o capitão. 'Stanghter dá ca a tua espada.'

—'Cymon,' gritaram os Tuggs espavoridos.

—'Perdão!' disse Belinda.

—'Platonico so,' disse Cymon por entre os dentes.

—'A tua espada, Stanghter' gritou Waters com voz de trovão. 'Deixa-me Stanghter, quero tirar a vida a este bregeiro.'

—'Soccorro! Soccorro!' gritavam os Tuggs.

—'Segurai-o bem, meu senhor,' dizia Cymon com voz desfalecida.

—'Um copo d'agua!' gritou José Tuggs.

E Cymon Tuggs e todas as senhoras desmaiaram ao mesmo tempo, apresentando um quadro de fazer dó.

Quereriamos deitar um veu sôbre o fim desastroso d'esta amizade de seis semanas; mas um uso fastidioso, um costume arbitrario, querem que toda a historia tenha um fim ligado ao seu principio. Por consequencia, não ha remedio: o tenente Stanghter foi incumbido de uma missão; o capitão intentou um processo; sir José Tuggs interveio, e o tenente negociou a querella.

Quando Cymon Tuggs tornou a si da desordem nervosa em que o tinha posto uma affeição tam inconveniente, e circumstancias tam extraordinariamente irritantes, viu que a sua familia tinha perdido a agradavel amizade do capitão Walter Waters e de Belinda; que seu pae tinha mil e quinhentas libras de menos, e o capitão exactamente a mesma quantia de mais. Este dinheiro fôra dado com o fim de abafar o negocio; mas este constou por toda a parte como se tal não fôra, e muita gente affirmou que nunca houve tres velhacos que achassem nescios mais faceis de lograr, do que os acharam o capitão Waters, Belinda e o tenente Stanghter, na familia Tuggs em Ramsgate,

Dickens.

BIBLIOGRAPHIA.

Obras de J. J. R. de Bastos.

1082 O Sr. conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos, acaba de inriquecer as lettras patrias com uma nova obra da sua tam orthodoxa como

elegante penna, intitulada A VIRGEM DA POLONIA, digna como as suas predecessoras de toda a estima pública, e de que mais largamente me occuparei n'outra occasião.

Pelo annuncio que abaixo se le, ve-se o admiravel acolhimento que teem merecido as obras do Sr. Bastos, que em tal tempo e sôbre taes assumptos, assim multiplicam as suas edições.

Todas ellas são impressas com a maior nitidez na typographia *Nacional*.

É ja ocioso recomendal-as porque o nome do seu auctor é, so de per si, recommendação bastante.

—

Na loja de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.° 8, vendem-se as obras seguintes de *J. J. R. de Bastos*:

MEDITAÇÕES OU DISCURSOS RELIGIOSOS. 4.ª edição

COLLECÇÃO DE PENSAMENTOS, MAXIMAS E PROVERBIOS. 2.ª edição em dois volumes, sendo quasi o dobro da primeira.

A VIRGEM DA POLONIA.

NOVA EDIÇÃO DAS OBRAS DE CAMÕES.

1084 Diffundir pelas classes pobres o gôsto da leitura, e baratear a tal ponto os bons livros que estes lhes possam aproveitar, é um pensamento digno de todo o louvor, um verdadeiro serviço feito ás lettras e civilisação do paiz. Esta bella prática, ja ha tanto usado em terras extranhas, ainda se não havia executado entre nós. Os editores das Obras de Camões, parece que comprehenderam todo o alcance d'este pensamento. Oxalá que o seu exemplo seja seguido por muitas empresas similhantes!

—

Vai imprimir-se a Collecção das Obras do insigne Luiz de Camões, principe dos poetas das Hispanhas, sob a direcção de uma Sociedade de Amigos das Lettras Patrias.

O pensamento que determinou esta publicação é moral e patriotico, e tem por fim diffundir por todas as classes do nosso povo a obra mais grandiosa, e mais nacional que se tem escripto na bella lingua portugueza, e com ella o gosto da lingua e litteratura patria, e o enthusiasmo e nobreza dos sentimentos que inspira.

Mas para que este pensamento podesse produzir o effeito desejado, era mister que o preço da obra fosse tal, que estivesse ao alcance de todos os haveres, e para isto se conseguir a Empresa prescinde de qualquer lucro que della possa tirar dando-a apenas pelo custo da impressão. E porque ainda assim, no estado de penuria em que se acha o paiz, haveria muita gente a quem se tornasse sensivel dispender essa quantia, posto que diminuta, de uma só vez, determinou-se distribuil-a periodicamente, isto é, ás folhas.

Por tam mesquinho preço, pois, e esse mesmo dividido em tantas parcellas, crêmos que nenhum portuguez deixará de querer possuir uma obra, que encerra em si a historia brilhante de todos os feitos gloriosos praticados por nossos maiores em defesa da liberdade e da independencia da Patria, e com o fim de dilatar o seu nome e poderio — feitos que levaram o nome portuguez ás mais remotas regiões do mundo, tornando ricca e poderosa esta hoje tão pobre e aviltada terra, a quem infelizmente já não resta de tantas glorias mais que uma saudosa recordação.

A Collecção começará pelos LUSIADAS, levando os argumentos de *João Franco Barretto*, e notas illustrativas para melhor intelligencia do texto.

A edição será nitida, e correcta sobre a primorosa edição de Pariz, chamada vulgarmente do *Morgado Matheus*.—Publicar-se-ha uma folha por semana, preço 10 réis, pagos no acto da entrega.

Assigna-se na imprensa da Gazeta dos Tribunaes, rua dos Fanqueiros n.° 82 (esquina do largo de St.ª Justa), e nas lojas do costume.

VARIEDADES.

—

THEATRO DE SAN'CARLOS.

CONCERTO DO SR. H. SPIRA. — O INSTRUMENTO, MARIMBAS-DE-PAU.

1085 Nas noites de 8 e 11 do corrente ouviu-se pela primeira vez, ao menos que eu saiba, na nossa terra, um instrumento que sem ser novo, é realmente admiravel tocado como o ouvi tocar.

Não tenho dúvida em lhe chamar instrumento, porque a execução foi de todo o ponto artistica. Procurarei descrevel-o, ainda que apenas de passagem o vi. Vinte e sette pedaços de pau, que parecem ser de sandalo, convexos pela parte posterior e planos pela de cima, infiados n'um fio de barbante, que os atravessa por um furo feito na extremidade de cada um d'elles, tendo duas pequenas marcas d'osso entre cada furo, constituem o instrumento de que fallo. Os pedaços de pau d'onde se extrahem os sons mais agudos, terão pouco mais de seis pollegadas os outros de que se extrahem os sons graves, terão de treze a quatorze pollegadas, e uns e outros tres a quatro pollegadas de diametro.

Esta infiada de pauzinhos é collocada em fórma quasi triangular, os graves á direita, sôbre cinco pequenos molhos de palha de trigo, de sette a oito pollegadas de diametro; tudo posto sôbre uma mesa.

Duas pequeninas vaquetas do mesmo pau, com cabeças d'osso cubertas de pelica, que não chegam a ter um palmo cada uma, servem para tocar o instrumento a modo de marimbas.

Deixando a analyse do para que sirva a palha, bastará deixar registrado, que o illustre instru-

mentista assevera, que de todas as experiencias que tem feito para substituir a palha, nenhuma lhe tem dado resultado egual á que tira da de trigo.

O Sr. Spira foi applaudido com geral e profundo inthusiasmo. E mereceu-o. Da sua execução não é coisa que se possa fazer idéa, é necessario vel-o para devidamente o appreciar. Além da agilidade quasi prodigiosa, e da summa intelligencia com que executa, ha sobretudo que reconhecer uma alma d'artista, o genio, que se lhe admira principalmente em certos sons suaves, nos *crescendo* e *dimuendo*, que sabe produzir com habilidade mui notavel. Os sons do instrumento não são melodiosos, mas mui distinctos, e bastante parecidos com os do vidro.

As peças tocadas pelo Sr. Spira foram todas acompanhadas pela orchestra, e particularmente á viola por seu pae, um ancião que parece ufanar-se, ao lado de seu filho, da gloria de que o vai vendo cobrir-se.

O Sr. Spira, é um moço de pouco mais de vinte annos, allemão, e que faz o gyro da Europa, tendo começado pelo Porto e Lisboa, d'onde se dirige á Hispanha, depois que houver tocado no paço, onde Suas Magestades querem ouvil-o, e de la á França, Inglaterra e Italia.

E' pouco o que sei d'este instrumento singular. O Sr. Spira parece que o aprendêra de um russo, que o fôra tocar a Allemanha. Os pedaços de pau do instrumento russiano eram brancos, e todo o instrumento muito imperfeito.

Estou persuadido, que é este um instrumento antiquissimo, que deve ter sido conhecido entre os barbaros. E confirma-me n'esta opinião a noticia que me dão alguns cavalheiros que estiveram no Brasil, de que alli tocam os indigenas um instrumento bellico, que trazem lançado ao pescoço, e consta de taboinhas de uma madeira assaz solida, que parece chamar-se *catatulca*, presas umas ás outras com coiros, collocadas sôbre um cabaço furado com buraquinhos, o qual elles tocam por meio de vaquetas do mesmo pau, com cabeças de cautchuc; o que produz um som que se dilata a grande distancia.

Ja no artigo n.º 686, do primeiro volume d'este jornal, se transcreveu um artigo de um jornal do Rio-de-Janeiro, que dava noticia de um russo, que fôra alli n'esse anno (1842) abordo de uma fragata franceza, que tocava um instrumento de pau, que elle denominava *ierovvai-salamo*, em tudo similhante ao de que tracto, segundo se ve da sua descripção, mas muito imperfeito relativamente. Sería este mesmo russo o mestre do Sr. Spira?

CORREIO-NACIONAL.

1086 No mez de settembro último despacharam-se pela alfandega da cidade do Porto, 4,086 pipas de vinho, e 125 de jeropiga.

No mez de settembro último, entraram pela barra de Lisboa, 1,216 passageiros e sahiram 914.

No mez de settembro último entraram a barra de Lisboa 216 embarcações, e sahiram 230. Das primeiras foram 149 portuguezas, sendo 7 de guerra, 34 da 1.ª classe e 108 da 2.ª; 39 inglezas, sendo 19 de guerra; 8 francezas, sendo 6 de guerra; 4 dinamarquezas; 4 suecas; 3 russas; 2 brazileiras; 2 sardas; 1 norueguezа; 1 napolitana; 1 hollandeza; 1 bremeza; 1 americana.

Praça-de-Lisboa. — Poucas transacções se realisaram na semana última, tanto em fundos publicos como em acções de companhias; houve poucos compradores, e os preços póde-se dizer que são nominaes. As inscripções e apolices de 5 por cento baixaram a 45 $\frac{1}{4}$. As acções do Banco-de-Portugal baixaram a 400$000 rs., e as da Confiança a 350$000 rs., as outras sustentaram os preços. O desconto das notas regulou a 36 e $\frac{1}{4}$ por cento.

A companhia para o theatro-italiano, deve chegar no primeiro paquete que vier do Sul: ja se sabe que está em Cadiz. O theatro talvez se não possa abrir antes do dia 29 do corrente. A peça d'abertura é provavel que seja *Il due Foscari*, por não haver tempo de preparar, em tam curto espaço de tempo, a *Giovanna d'Arco*, de Verdi, peça de grande apparato com que a Empresa tinha vontade de fazer a abertura. Ha porém uma novidade de que é curioso dar noticia ao leitor. O Sr. Marsigliani foi incarregado de um bailete, para debute da *coppia* dançante, cujo programma é extrahido da xacara do Sr. A. Garrett *O chapim d'elrei, ou parras verdes*. Muitas das copias d'esta linda xacara serão fielmente traduzidas pelos gestos, nos dialogos mimicos dos personagens. O programma e a idéa são do Sr. Perini, director de scena d'aquelle theatro.

No dia 7 entrou o vapor inglez *Montrose*, paquete do Sul, com 45 passageiros. Sahiu no dia 9 para o Norte com 75 passageiros.

Consta que um dos mais riccos proprietarios d'esta cidade, pertende ensaiar o uso do matto nas fornalhas das machinas de vapor, em substituição do carvão-de-pedra. Parece que ja se teem feito algumas experiencias n'uma fabrica de distillação, cujo resultado não tendo sido ainda completamente satisfactorio, não é todavia desanimador. Ésta idea da substituição do-carvão-de pedra occupa hoje muitos industriaes de alguns departamentos da França, onde ha falta d'este combustivel.